

# O SENTIDO DA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO PERMANENTE DO CONHECIMENTO A FAVOR DA VIDA

## THE MEANING OF SCHOOL: THE CONSTRUCTION AND PERMANENT RECONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN FAVOR OF LIFE

Lindalva Pessoni Santos 1  
Cláudia do Nascimento 2

**Resumo:** A escola é um espaço fecundo de formação da consciência crítica a partir da apropriação ativa dos conhecimentos que podem ser convertidos em práticas transformadoras. Um processo formativo que tem como princípio vivificar o conhecimento científico, fomentar novos valores que resultem no cuidado com a natureza e na sensibilização do coletivo para construir uma sociedade que compartilha responsabilidades. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns projetos e escolas que trabalham os conhecimentos em forma de compromisso, cuidado e coerência entre o que proclama e realiza. Ações que zelam pela qualidade da vida pela perspectiva transdisciplinar. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica a partir de autores como: Morin (1999; 2000; 2005), Petraglia (2008), Moraes (2010, 2014) Suanno (2016), M. V. Suanno (2015), Maturana (2001), Santos (2008), Mendes Neto (2019) e Santos, Suanno e Mendes Neto (2019). Este trabalho defende que iniciativas transdisciplinares e criativas não são devaneios, elas existem.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Práticas transformadoras. Saber viver.

**Abstract:** The school is a fertile space for the formation of critical awareness based on the active appropriation of knowledge that may be converted into transformative practices. A formative process that has the principle of reviving the scientific knowledge, foster new values that result in the care for nature and the awareness of the collective to build a society that shares responsibilities. The aim of this work is to present some projects and schools that work with the knowledge in the form of commitment, care and consistency between what it proclaims and accomplishes. Actions that ensure the quality of life from a transdisciplinary perspective. To this end, a bibliographic review was carried out from authors such as: Morin (1999; 2000; 2005), Petraglia (2008), Moraes (2010, 2014) Suanno (2016), MV Suanno (2015), Maturana (2001), Santos (2008), Mendes Neto (2019) and Santos, Suanno and Mendes Neto (2019). This work argues that transdisciplinary and creative initiatives are not daydreams, they exist.

**Keywords:** Knowledge. Transformative practices. To know how to live.

Mestre em Educação UFG (2011), Especialista em Formação sócio-econômica do Brasil pela UNIVERSO (2002); Especialista em Planejamento Educacional pela UNIVERSO (1993); Especialista em Matemática e Linguagem para as séries iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal de Goiás – UFG (1997); graduada em Pedagogia pela UFG (1989). Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás e professora aposentada da Secretaria de Educação, Esporte e Lazer do Estado de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas e Inovadoras- RIEC/ Universidade de Barcelona e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas – DIDAKTIKÉ – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. CV: <http://lattes.cnpq.br/8331676592474890> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5520-6650> E-mail [lindalva.santos@ueg.br](mailto:lindalva.santos@ueg.br)

Aluna Especial da Disciplina Educação e Diversidade do Mestrado em Educação PPGE – UEG (2021); especialista em Docência Universitária pela UEG (2018); especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Unyleya (2018); especialista em Educação Especial e Inclusiva pela AVM (2015); especialista em Logística pelo SENAI (2008); graduada em Pedagogia pela UEG (2015); graduada em Planejamento de Transportes IFG (2005). Professora efetiva da Rede Municipal de Ituaçu – GO, desde 2016. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas – DIDAKTIKÉ – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. <http://lattes.cnpq.br/5257409231727952> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7662-9735> E-mail: [claudia\\_pedagogia2012@hotmail.com](mailto:claudia_pedagogia2012@hotmail.com)

## Introdução

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos [...] (MORIN, 2003, p. 24).

Vivemos um momento em que os conhecimentos científicos, mais do que nunca, estão sendo essenciais em virtude de um novo vírus altamente contagioso que se disseminou por todo planeta causando a morte de mais de um milhão de pessoas. Em meio ao caos causado pelo Covid 19, cientistas dos quatro cantos do mundo se desdobram em esforços na busca de uma vacina para conter o avanço da terrível doença.

Nesse cenário, a principal pergunta era: como enfrentar uma doença desconhecida pela comunidade científica e médica? Como produzir conhecimentos que beneficiasse a todos indistintamente? De acordo com Maturana (2001, p. 157) “a ciência moderna surgiu em uma cultura que valoriza a apropriação e a riqueza, que trata o conhecimento como uma fonte de poder, que aprecia o crescimento e o controle (...), que perdeu de vista a sabedoria e não faz nada para cultivá-la”.

No momento atual, a ciência clássica teve que lidar com as incertezas, com o erro, com a mutação de um vírus antes mesmo de concluir um ciclo de dados acerca da sua constituição, enfrentar ataques de cunho ideológico, religioso, político, quebrar barreiras geopolíticas e abrir-se para questões filosóficas. Os cientistas ficaram entre o monopólio de um determinado conhecimento ou a partilha, a troca, a cooperação transnacional no enfrentamento de uma doença que atinge a todos sem nenhum critério de cunho geográfico, étnico, religioso, social. Para Maturana (2001, p. 149)

É neste contexto que as noções de progresso, ética e responsabilidade social adquirem presença. Assim, a noção de progresso tem a ver com o que nós consideramos melhor ou desejamos que aconteça na vida humana. A noção de responsabilidade social tem a ver com nossa consciência de quereremos ou não as consequências de nossas ações. E a noção de ética tem a ver com nosso interesse pelas consequências de nossas ações na vida de outros seres humanos que aceitamos em coexistência conosco.

[...] Mas, se a ciência e o conhecimento científico não nos dão sabedoria, pelo menos não a negam, e a consciência disto abre a possibilidade de aprendê-la vivendo nela, para aqueles que escapam da ambição do sucesso e do desejo de controle e manipulação (MATURANA, 2001, p. 158).

Para Morin (2005), a verdade da ciência está em seu caráter aberto e na aventura que contesta suas próprias estruturas de pensamento. Para o autor:

[...] O que é um conhecimento que não se pode partilhar, que permanece esotérico e fragmentado, que não se sabe vulgarizar a não ser em se degradando, que comanda o futuro das sociedades sem se comandar, que condena os cidadãos à crescente ignorância dos problemas de seu destino? Como indiquei em meu prefácio de abril de 1982: “Uma ciência empírica privada de reflexão e uma filosofia puramente especulativa são insuficientes, consciência sem ciência e ciência sem consciência são radicalmente mutiladas e mutilantes...” (MORIN, 2005, p. 11).

As considerações de Maturana e Morin parecem permear atualmente o campo da ciência tendo em vista que os cientistas tiveram que unir esforços para conhecer o novo vírus e como combatê-lo por meio da descoberta de uma vacina. Esse processo foi concluído depois de quase um ano do início da pandemia e, mesmo assim, como ainda não há um número de vacinas suficientes para todos, é necessária uma outra frente de combate, o isolamento social como forma de diminuir a circulação do vírus. Essa medida sanitária se tornou unanimidade entre os pesquisadores e foi delegada à população essa parcela de contribuição na luta para conter o avanço da doença. Nesse cenário, ações conscientes da população em fazer a parte que lhe cabia – o isolamento social, evitar aglomerações, cuidados de higiene, uso de máscaras – tornou-se essencial para salvar milhares de vidas.

Tristemente, vemos que os dados alarmantes sobre a doença além de ser resultado da falta de uma política pública efetiva de combate ao avanço da pandemia no mundo e, especialmente, no Brasil, é resultado também do mal comportamento da população que, mesmo tendo amplo acesso às informações das pesquisas desenvolvidas por diferentes cientistas do mundo, demonstra não ter incorporado em sua rotina diária os cuidados necessários. Esse cenário está em consonância com as ideias de Suanno (2015, p. 116) que afirma:

[...] o que falta é (...) o desenvolvimento de uma forma de ver a vida, a ciência, a cultura (...) baseada na valorização da (...) responsabilidade, sustentabilidade e ética. Enfim, uma forma de ser e uma consciência ampliada frente ao sentido da vida e do conhecimento.

É notório que se os conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo da história não se transformam em valores e atitudes que modificam o modo das pessoas pensarem, viverem, conviverem e agirem de forma mais sensata, eles têm seu potencial minimizado e pouco aproveitados na busca de evitar ou solucionar graves problemas que assolam o planeta, como: o próprio avanço da pandemia do Covid 19; a degradação ambiental; as mudanças climáticas drásticas que causam enchentes e ou secas; a crise energética; a poluição das águas e do ar; entre outros. Para Maturana (2001, p.155) “um aspecto central do fazer ciência tem a ver com nossa busca de compreender nossa experiência como seres humanos”.

Para Navarra (2012) o conhecimento precisa agregar valores como a responsabilidade, o compromisso, a solidariedade em uma cidadania global. Se observarmos pela perspectiva de uma das linguagens da arte, não menos importante que os estudos teóricos, concluiremos que “[...] a lição sabemos de cor, só nos resta aprender” (GUEDES, 1979, n.p).

Um exemplo dessa contradição podemos perceber no documento - Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais.

[...] Em países ricos, com maioria da população alfabetizada, os problemas ambientais tendem a ser os mesmos, senão maiores, que os enfrentados nos países pobres. O consumismo e o desperdício, que constituem práticas comuns especialmente para a parcela rica – e geralmente mais escolarizada – da população mundial, acarretam danos ao ambiente e injustiças sociais para aqueles que produzem os bens consumidos (BRASIL, 2012, p. 18).

A elaboração desse documento teve como objetivo fornecer elementos para debates nas escolas e como parte da preparação para a IV Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente. O início da publicação traz um enunciado direcionado aos professores sobre a realização da Conferência e, ao mesmo tempo, os convidam a “arregaçar as mangas” e buscar respostas junto aos seus alunos e familiares para os problemas socioambientais locais e globais. Nessa mensagem aos professores são lançadas algumas questões, dentre elas: “[...] Quais valores, habilidades e atitudes são necessários para que a escola contribua para melhorar a qualidade de vida das presentes e futuras gerações? [...]” (BRASIL, 2012, p. 7).

Essa questão e todo o cenário descrito sobre a pandemia da Covid 19 nos inspira a

refletir sobre a escola, a ciência, o conhecimento, a formação. E, tudo isso relacionado ao saber viver. Conforme apresentado no documento supracitado, a escola deixa de ser uma “ilha” quando passa a ser parte de uma comunidade mais ampla, quando seus saberes/fazeres/valores extrapolam os muros, ganham as ruas, chegam às famílias e à comunidade apresentando respostas criativas para as crises socioambientais e de valores que destroem a integridade humana.

Moraes (2010b) pontua que estamos envolvidos em uma crise paradigmática que vem afetando nossas relações com a vida, incluindo a escola. A autora defende que:

[...] Precisamos de um pensamento ecologizante capaz de integrar os diferentes saberes aos processos de construção e reconstrução do conhecimento, (...) desenvolver novas escutas, sem ter que continuar escolhendo entre o local e o global, entre o natural e o social, entre a tradição e a modernidade, caso contrário, morreremos de frio, imersos no iceberg de uma ciência abstrata, manipuladora e prepotente (MORAES, 2014, p. 26).

O contexto atual apresenta novos desafios para a escola que até pouco tempo não eram percebidos como parte inerente à sua função educativa. Devido à dinâmica da sociedade, a escola precisa ser um espaço de permanente construção e reconstrução que capacita alunos, família e comunidade a problematizarem o contexto no qual estão inseridos, as ações cotidianas de cada pessoa e as possibilidades de encontrar caminhos de superação para os problemas, tanto locais quanto globais. Gadotti (2003) alerta que o modo como nos comportamos no planeta determina sua vida ou sua morte e de todos seres vivos que aqui habitam.

Nesse cenário de alertas, de uma luz amarela acesa indicando os perigos que rondam o destino da vida no planeta terra, nós - professores e pesquisadores - nos alegramos ao conhecer e compartilhar experiências de escolas que apresentam um outro projeto formativo. Ou seja, que estão amplamente comprometidas na construção de uma sociedade em que as pessoas sejam mais conscientes e que reconheçam que suas atitudes determinam a qualidade de vida – em todos seus aspectos – presente e futura de todos seres vivos. São projetos, iniciativas e/ou escolas que rompem com o modelo tradicional que todos conhecemos e são denominadas, e até certificadas, como criativas por trabalharem os conhecimentos em forma de compromisso, cuidado e coerência entre o que se ensina e as ações empreendidas dentro e fora das instituições educativas. São exemplos em que:

[...] o discurso e a atitude alinham-se na perspectiva de estimular o conhecimento, o compromisso e a participação efetiva de professores, gestores, estudantes, seus familiares e comunidades; a responsabilidade e o exercício consciente da cidadania; o diálogo, com respeito às diferentes opiniões; a empatia, o companheirismo, o apoio, a interação e o senso de coletividade; a organização e a transformação (BRASIL, 2012, p. 11).

Para melhor esclarecer sobre este trabalho, nos apropriamos de um trecho do artigo - Por que uma escola criativa? - do professor e pesquisador João Henrique Suanno. Para responder ao questionamento que intitula seu estudo, o autor elenca os princípios, fundamentos e características que norteiam o trabalho dessas escolas que chamam a atenção por trilharem caminhos criativos, por vezes, muito distintos uns dos outros, porém ambos contribuem para ressignificar os modelos que temos de ensino, de aprendizagem, da relação dos sujeitos com os conhecimentos e desses com a vida.

Porque precisamos de uma escola que não perpetue o modelo tradicional de ensino que está estampado ainda hoje, (...) que os professores motive os alunos a estudarem com o desejo de aprender o conteúdo sobre e para a vida, que trabalhe para além das disciplinas e perceba a relação do humano com todas

as áreas da esfera educacional, social, econômica e planetária, que atenda às necessidades de formação de um cidadão transformador de sua realidade (...), que religue saberes ao invés de dicotomizá-los, que promova a circularidade de conhecimentos fugindo da linearidade não relacional (...), que trabalhe com os princípios transdisciplinares, que reintroduza o sujeito cognoscente em seu processo de construção do conhecimento [...] (SUANNO, 2016, p. 82).

Ao apresentar esses elementos que rompem com o antigo modelo cartesiano que não atende às exigências do mundo atual, o autor aponta que se trata de uma mudança de referencial e também paradigmática que ressignifica a função da escola a fim de contribuir para a estruturação de uma sociedade planetária pertencente ao século XXI. Trata-se de uma abordagem transdisciplinar que elimina as barreiras entre as disciplinas, que busca o diálogo entre todos os campos de conhecimento, que integra, inclui, que busca os nexos, as relações e intersecções entre todos os aspectos que perpassam o tecido social, biológico, cultural, físico e metafísico. “[...] Uma rede de conexões mutuamente implicadas” (SANTOS, 2008, p. 74).

Para que fique claro em que consiste esse paradigma e as mudanças que ele desencadeia no processo formativo, recorreremos a outra professora e pesquisadora sobre esse tema, Marilza Suanno (2015, p.116) que assim define:

A transdisciplinaridade propõe um modo de conhecer e de produzir conhecimento, que religue conhecimentos entre, através e além das disciplinas, em uma perspectiva multirreferencial e multidimensional. Apresenta-se como uma instância integradora de saberes e de conhecimentos, que visa estabelecer o diálogo entre filosofia, ciências, culturas e literatura a fim de potencializar a capacidade humana de perceber, compreender e transformar a realidade [...].

Esse potencial que a transdisciplinaridade oferece movimenta projetos, iniciativas e escolas considerados e/ou certificadas como criativas ao subsidiar seus alunos, pais e comunidade a compreender e transformar a realidade. Essa que parece ser mais uma tarefa delegada à escola, na verdade, é sua real função ao direcionar suas ações na construção e reconstrução permanente do conhecimento em prol de mudanças significativas no modo das pessoas pensarem, viverem e conviverem entre si e com sua Terra-Pátria. Novamente, recorreremos à sensibilidade da linguagem artística que nos diz que “[...] é preciso saber viver, para mais tarde não sofrer”<sup>1</sup>. Isso nos leva a refletir que precisamos urgentemente rever nossas concepções por meio de um paradigma que nos ajuda a superar os grandes desafios que a contemporaneidade nos apresenta (MORAES, 2010b).

Para encaminhar estas reflexões o presente texto está estruturado em quatro seções. Na primeira apresentamos o percurso teórico-metodológico utilizado para elaborar o trabalho. Na segunda, analisamos a educação a partir de uma abordagem transdisciplinar e criativa e as implicações para uma aprendizagem da vida para a vida. Na terceira seção lembramos algumas iniciativas, projetos, escolas que apresentam uma abordagem transdisciplinar e criativa e que foram campo de pesquisa principalmente dos membros da Rede Internacional de Escolas Criativas- RIEC a partir de sua criação em 2012. Em nossas considerações reafirmamos que o verdadeiro sentido da escola, da ciência, é produzir conhecimentos a favor da vida em toda a sua extensão.

### **Percurso teórico-metodológico**

Estruturamos o trabalho a partir de uma abordagem de natureza qualitativa exploratória. Para tanto, lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 183)

1-“É Preciso Saber Viver” é uma música composta em 1968, por Roberto Carlos e Erasmo Carlos, baseada na canção It’s Over, de Elvis Presley.



[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. (...) e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Nesse percurso, buscamos fundamentos em autores que nos ajudam a pensar que tipo de educação é necessária e adequada para o século XXI. Dentre diversos autores que pesquisam e teorizam o assunto escolhemos aqueles que defendem que é necessário um outro referencial, outro paradigma que problematiza, que contraponha os princípios cartesianos e propõe outra maneira de pensar a relação entre a escola, a ciência, o conhecimento, sociedade e as demandas contemporâneas. Nesse sentido, contamos com as contribuições teóricas de Morin (1999; 2000; 2003, 2005), Petraglia (2008), Moraes (2010a, 2010b, 2014) Suanno (2016), M. V. Suanno (2015), Maturana (2001), Santos (2008, p. 81) que esclarece,

[...] as teorias podem transformar-se em paradigmas que norteiam as ações humanas num dado momento histórico, porém se defasam quando seus instrumentos conceituais não mais explicam os fenômenos que emergem do desenrolar da vida no planeta [...].

Por isso, a escolha dos autores supracitados nos ajudou a desenvolver uma perspectiva crítica relativa à própria sobrevivência da vida no planeta.

As fontes pesquisadas incluem Revista com Dossiê Temático; capítulos de livros que apresentam experiências com iniciativas transdisciplinares e criativas para ilustrar que mudanças são possíveis e já estão em curso. Para fortalecer nossas reflexões utilizamos também uma pesquisa realizada por Mendes Neto (2019) e um Relatório de Pesquisa (SANTOS, SUANNO, MENDES NETO, 2019). Esses trabalhos foram fundamentais no processo de certificação da Escola Casa Verde (localizada em Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil) como escola criativa pela Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC pela Universidade de Barcelona.

## **Uma educação a partir de uma abordagem transdisciplinar e criativa: uma aprendizagem da vida para a vida**

Talvez um dos maiores desafios da escola, hoje, seja exatamente este: aproximar o estudante da sociedade; estabelecer uma identificação entre o aluno e o conhecimento; mostrar enfim que ele não está solto no espaço, mas sim, faz parte de uma cultura e de um História e que estas são vivas e estão sendo escritas (AZEVEDO, 2014, p. 58).

As concepções do processo formativo e das práticas adotadas nas escolas, são determinantes no contexto atual. Isto porque vivemos um descompasso entre os conteúdos que se ensina nas escolas e o que os alunos, seus familiares e a comunidade como um todo vivem dia-a-dia. Compreendendo a escola como parte integrante da sociedade, é necessário que ela se atenha às necessidades e demandas geradas pelo contexto em que está inserida. “O conhecimento deve estar a favor da sociedade e, desse modo, deve haver uma aproximação entre o conhecimento, o indivíduo e a sociedade, considerando o meio sócio-histórico-cultural em que se está inserido [...]” (MENDES NETO, 2019, p.34 e 35)

Para Azevedo (2014) a escola que temos, em sua maioria, trabalha conteúdos fragmentados, abstratos, assuntos que parecem desimportantes uma vez que os alunos não conseguem estabelecer uma conexão entre as matérias e sua vida cotidiana. O autor defende que crianças e jovens precisam saber

[...] que estão na escola para aprender a pensar, para adquirir conhecimento, para construir sua subjetividade e mais, para um dia, talvez inventar alguma coisa que ajude a melhorar sua própria vida, a vida de seus concidadãos e a vida dos que ainda não nasceram [...] (AZEVEDO, 2014, p. 59)

Para que ocorram essas mudanças e a escola cumpra uma função social precisamos concebê-la como produtora de conhecimento e não repetidora do que está enclausurado em livros, apostilas, currículos. Essa é uma prática do velho paradigma que tem como princípios a divisão das disciplinas, a repetição, a memorização, a cópia, o acúmulo dos conteúdos. Na concepção de Azevedo (2014) essa perspectiva não forma uma narrativa que tenha sentido, pois com disciplinas estanques e dissociadas umas das outras não se desenvolve o pensamento crítico, a consciência exigida para a vida em sociedade. Para Moraes (2010b, p. 292) “[...] já não podemos continuar com a visão simplista do conhecimento limitada à transmissão de informações nos processos de ensinar e aprender [...]”

Morin (2000, p. 43) alerta que “a inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional [...]”

A percepção apresentada pelos autores supracitados formata a escola que todos conhecemos e que tem dado sinais claros que basicamente não contribuem para a compreensão e solução das demandas da contemporaneidade. Seu projeto ainda atrelado ao modelo cartesiano se distancia muito de uma escola que dialoga com sua comunidade e contribui para pensar e solucionar seus problemas. A fragmentação, a dualidade, o reducionismo, o pensamento único, a racionalidade fechada, a objetividade, a exclusão do sujeito do processo – características centrais desse paradigma – limitam a formação de pessoas autônomas e conscientes do seu papel enquanto atores sociais capazes de fazer leitura do seu entorno e atuarem efetivamente na perspectiva de promover mudanças significativas em suas vidas e de sua comunidade.

A atual estrutura educacional, sedimentada com base em princípios seculares, tem levado os docentes a uma prática de ensino insuficiente para uma compreensão significativa do conhecimento, e muitas vezes suas respostas não satisfazem aos alunos, que perguntam: “por que tenho que aprender isso?” (SANTOS, 2008, p. 72).

O paradigma cartesiano tem sido paulatinamente questionado por novos paradigmas que apontam a necessidade urgente de mudanças, uma vez que seus princípios têm fortes implicações no modo que as pessoas pensam, aprendem, convivem e fazem intervenções no mundo. Dentre esses que buscam mostrar os limites dessa concepção que sustenta a era da modernidade destacamos:

A teoria da complexidade e transdisciplinaridade surge em decorrência do avanço do conhecimento e do desafio que a globalidade coloca para o século XXI. Seus conceitos contrapõem-se aos princípios cartesianos de fragmentação do conhecimento e dicotomia das dualidades (Descartes, 1973) e propõem outra forma de pensar os problemas contemporâneos (SANTOS, 2008, p. 71).

O termo transdisciplinaridade foi cunhado por Piaget em 1970 em um Seminário Internacional na Universidade de Nice, na França. A partir desse acontecimento o conceito passou a ser investigado por outros teóricos culminando, em 1994, na elaboração de uma Carta da Transdisciplinaridade no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. A Carta contém um conjunto de princípios que levam em consideração a dimensão planetária dos conflitos atuais, a complexidade do mundo e o desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual. Ela é composta por 15 artigos e foi redigida por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Esse último pesquisador foi quem sistematizou a teoria da transdisciplinaridade (1999)

e Edgar Morin a teoria da complexidade em (1999). De acordo com Santos (2008, p. 72) a complexidade e a transdisciplinaridade se articulam e “se vistas separadamente uma torna-se o princípio da outra”.

A partir dos aportes teóricos de uma abordagem transdisciplinar é possível pensar em uma outra formação, outra escola e nos conhecimentos que não podem mais manter-se isolados, fragmentados nos limites da instituição educativa. Cada dia mais, os conhecimentos produzidos na escola precisam ter uma conexão direta com a vida e com as demandas que são continuamente gestadas. De acordo Suanno (2015, p. 117)

A transdisciplinaridade busca a abertura das disciplinas àquilo que as atravessa e as ultrapassa, não propõe que se abandone as disciplinas, ou que se abandone os processos de ensino. Propõe-se que os contextos educativos, com rigor, abertura e tolerância, busquem religar, globalizar, enfim, transdisciplinarizar os conhecimentos, os saberes, as emoções. Possibilitando a construção de uma nova percepção da realidade, oportunizando a ampliação da consciência e desenvolvendo, assim, o cognitivo, o afetivo, o imaginativo, ampliando o compromisso dos sujeitos com a própria vida, com a vida coletiva, com o bem comum e com a construção de uma consciência planetária.

A partir do paradigma transdisciplinar a escola passa ser concebida como um espaço primordial na construção de valores, princípios e atitudes éticas, responsáveis e comprometidas na busca de soluções aos graves problemas que enfrentamos como a degradação ambiental, mudanças climáticas drásticas, aumento vertiginoso das desigualdades sociais, entre outros.

Nesse mesmo sentido, a prática criativa busca desenvolver novas atitudes que podem ser úteis à vida em sociedade, contribuindo para a coletividade de forma efetiva e significativa. A criatividade pode ser entendida como meio de pensar a sociedade atual e promover mudanças a partir da análise, reflexão e proposição de novas possibilidades para transformações. A ação de formular novas atitudes e novas formas de conduzir as práticas no cotidiano, têm como princípio o pensamento criativo.

Para problematizar questões vitais para a sobrevivência do planeta e do próprio homem, a escola precisa orientar-se por princípios que religam os saberes, desenvolvam o pensamento crítico e plural, que estimulam a imaginação e a criatividade, que estabeleçam a conexão entre os conhecimentos e a vida. A escola necessita formar cidadãos e cidadãs conscientes das exigências para se viver responsabilmente em sociedade.

A transdisciplinaridade tem por desafio promover a reforma do pensamento e favorecer a metamorfose da sociedade, a fim de produzir transformações nas relações entre ser humano/conhecimento/cultura/natureza. Visa ser uma via de transformação de autotransformação orientada para o conhecimento e para a criação de nova arte de viver e um novo sentido para a vida (SUANNO, 2015, p.115 e 116).

Essa reforma virá, segundo Morin (1999), a partir da inserção de uma concepção que privilegie a interação entre homem, natureza, ciência e consciência. Um paradigma que pressupõe outras perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas. De acordo Moraes (2014) um paradigma é definido por essas três perspectivas. A partir desse olhar:

[...] podemos afirmar que a transdisciplinaridade não combina com pensamento único e com práticas instrucionistas, já que valoriza o pensamento complexo e relacional, o pensamento articulado, auto-eco-organizador e emergente. Valoriza os processos críticos, criativos, dialógicos e recursivos, reconhecendo a autonomia relativa do sujeito aprendente e a responsabilidade individual e coletiva [...] (MORAES, 2010a, p. 16).



Ao analisar as implicações educativas, curriculares e organizacionais dos princípios de um paradigma transdisciplinar e criativo constatamos que ele contribui para a formação de pessoas que se relacionam com as questões presentes e com as questões futuras de forma muito mais consciente. Pessoas que, geralmente, são capazes de protagonizar ações dentro e fora da escola, pois apropriam os conhecimentos de forma articulada, relacional, interdependentes.

A transdisciplinaridade maximiza a aprendizagem ao trabalhar com imagens e conceitos que mobilizam, conjuntamente, as dimensões mentais, emocionais e corporais, tecendo relações tanto horizontais como verticais do conhecimento. Ela cria situações de maior envolvimento dos alunos na construção de significados para si (SANTOS, 2008, p. 76).

Superar o paradigma tradicional é pensar de forma contextualizada os conhecimentos, entender que as certezas são provisórias, que as fronteiras disciplinares são ilusões, uma vez que na trama da vida elas não existem. O paradigma transdisciplinar promove uma percepção integradora e dialogada, articulando as partes ao todo e compreendendo o todo a partir das partes; tudo existe e coexiste, nada se encontra solto, isolado no mundo. Esses princípios contribuem para uma formação mais consciente, comprometida com as questões da vida; uma compreensão planetária em que as pessoas estejam antenadas aos arranjos locais, mas compreendendo suas conexões com o global e vice-versa.

A transdisciplinaridade implica uma atitude do espírito humano ao vivenciar um processo que envolve uma lógica diferente, uma maneira complexa de pensar a realidade, uma percepção mais apurada dos fenômenos, a partir do reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade do objeto. Implica uma atitude de abertura para com a vida e todos os seus processos. Uma atitude que envolve curiosidade, reciprocidade, intuição de possíveis relações existentes entre eventos coisas, processos e fenômenos, relações que normalmente escapam à observação e ao senso comum (MORAES, 2014, p. 34).

A transdisciplinaridade defende a integração da razão com a intuição, do imaginário com o concreto, da sensibilidade e emoção com o cognitivo. Esses princípios mudam os ambientes de ensino e aprendizagem que passam a reconhecer a não fragmentação do sujeito, a cooperação e a interação entre os diferentes saberes, a intuição, a corporeidade e uma conectividade direta com a vida. De acordo com de Suanno, Torre e Suanno (2014, p. 23) passa ser “um ambiente criativo que celebra a vida e a imaginação humana, esta última com cuidado e sabedoria, em favor da qualidade de vida e sobrevivência dos seres vivos”. Sobre esse assunto, Moraes aponta que:

A transdisciplinaridade, nutrida pela complexidade, exige de cada docente a criação de ambientes e contextos de aprendizagem mais dinâmicos e flexíveis, mais cooperativos e solidários, a criação de ecossistemas educacionais nos quais prevaleça a solidariedade, a parceria, a ética, a generosidade, o companheirismo, o diálogo na busca constante de soluções aos conflitos emergentes [...] (MORAES, 2010a, p. 19).

As escolas que estão conseguindo agregar esses atributos estruturam uma relação estreita entre os sujeitos, os conhecimentos, a natureza, a sociedade. Segundo Tomio, Adriano e Silva (2016, p. 368) algumas instituições de ensino “[...] priorizam processos de ensinar inovadores e criativos, para promover uma educação transformadora baseada em valores, potenciais humanos e habilidades para vida”. Essas mudanças reforçam que:

Afinal, a escola também está integrada à teia da vida planetária (...), responder e adaptar-se a um novo modo de vida constituem aprendizagens fundamentais no momento histórico em que vivemos. Trata-se de uma aprendizagem que deve envolver não apenas os estudantes, mas todas as pessoas que interagem no espaço escolar: professores, funcionários, gestores, familiares e a rede de colaboradores que vivem na comunidade do entorno (BRASIL, 2012, p. 15).

Essas escolas propõem práticas educativas que mobilizam, integram e despertam em todos que ali convivem o senso de responsabilidade. De acordo com Petraglia (2008, p. 37) “quando o ser humano adquire consciência de seu processo transformador, pode fazê-lo, a partir de suas crenças e de suas concepções [...]”

Escolas, projetos, iniciativas que têm como princípio um referencial transdisciplinar e criativo objetivam alcançar resultados além da formação de habilidades cognitivas. Isto porque essas escolas transcendem a barreira das disciplinas e buscam conhecimentos integrados para a compreensão, intervenção na vida cotidiana e a busca do sentido e significado da existência humana (MORAES, 2010b).

### **Projetos e escolas que nos inspiram a desejar uma outra educação: sonhos possíveis**

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar (GADOTTI, 2003, p.10).

A Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC – foi criada em 2012 na Universidade de Barcelona e envolve pesquisadores de vários países: Espanha, Brasil, Portugal, México, Chile, Argentina, Costa Rica, Bolívia e Colômbia. A RIEC objetiva reconhecer os potenciais de escolas que apresentam uma concepção transformadora, criativa e inovadora da educação e da sociedade. Além de pesquisar esses potenciais, a RIEC tem como prioridade socializar projetos, iniciativas e escolas que enfatizem novas práticas que rompam com o que está instituído como padrão único de educar. De acordo com a Ata da Criação dessa rede, entende-se como escolas criativas instituições que vão além, recriam e transformam o fazer educativo.

Em outras palavras, aqueles centros que desenvolvem os potenciais criativos dos alunos, valores humanos, sociais, de convivência, liberdade e criatividade, competências para a vida, iniciativa e capacidade empreendedora, dando importância ao desenvolvimento humano e ambiental sustentáveis e objetivando sempre conjugar conhecimento com reconhecimento. Compartilham um olhar transdisciplinar e ecoformador da educação (TORRE, 2012, p. 2).

A partir da criação da RIEC essas iniciativas, projetos e escolas que apresentam um potencial criativo e transdisciplinar estão sendo identificadas e servindo de inspiração para que educadores, gestores e instituições educativas recriem os seus projetos formativos com o intuito de transformar-se, transformar os processos escolares e a realidade social. Portanto, os objetivos de revisitar essas experiências são: reafirmar que mudanças são necessárias e urgentes no campo das práticas educativas; estão emergindo de diferentes formas e diferentes lugares; precisam ser compartilhadas com o maior número de pessoas. E, conforme Torre (2013, p. 226) “Y es hermoso encontrarse con ejemplos de este tipo que nos dice que outro modo de educar é posible”.

Antes de apresentarmos algumas dessas experiências, esclarecemos que não se tratam apenas de práticas com a utilização de algumas metodologias mais atrativas, um currículo mais flexível, uma técnica mais refinada e sim são mudanças efetivas no modo de pensar a escola,

os conhecimentos, o ensino, a aprendizagem, a relação com a comunidade, as questões locais e globais; o que configura uma mudança de ordem paradigmática. Essas questões postas nos remetem às reflexões elaborados por Libâneo (2010) sobre as diversas tendências ou correntes pedagógicas e o dilema que elas incorrem ao apresentarem ora teóricas demais, ora reduzido ao um praticismo sem fundamentos.

[...] é forçoso reconhecer que boa parte dessas teorias não desenvolveu suficiente base pedagógico-didática para ajudar os professores em suas decisões e ações cotidianas. (...) Têm sido frequentes, também, eventuais propostas novas ou alternativas que não procedem do mundo prático, mas do mundo acadêmico. Com isso, novas tendências não têm sido capazes de unir suas formulações teóricas com propostas operativas que sirvam de referência aos professores. Em outros casos, propostas mais voltadas ao campo da prática, ainda que com pouco lastro teórico, acabam por responder mais diretamente as necessidades imediatas do trabalho dos professores, como é o caso de oficinas pedagógicas (LIBÂNEO, 2010, p. 48).

A esse respeito Moraes (2014) acrescenta que toda discussão relativa a mudanças paradigmáticas deve alimentar as práticas institucionais no sentido de realmente consolidar reformas programáticas e pragmáticas efetivas nas escolas. A autora afirma:

[...] Não adianta apenas ficarmos mais uma década discutindo essas questões a nível teórico, reconhecendo a necessidade de novos paradigmas em educação e na ciência em geral. É preciso que a discussão paradigmática alimente as práticas institucionais no sentido de consolidar reformas programáticas capazes de serem levadas adiante (MORAES, 2014, p. 25).

A partir desses apontamentos escolhemos projetos e escolas que exemplificam com propriedade o tema deste Dossiê<sup>2</sup>. A primeira é apresentada por Pukall, Andrade e Silva (2014). Trata-se da Escola Básica Municipal (EBM) Visconde de Taunay, Blumenau (SC), certificada em 2013 como escola criativa pela RIEC. Esse título é resultado do posicionamento da escola em adotar práticas de sustentabilidade, reorganizando seus espaços e tempos para sensibilizar alunos e famílias de que mudanças no planeta começam em casa, na escola e na comunidade.

Conforme as autoras, desde 2011, essa escola começou o processo<sup>3</sup> tanto de ordem externa e estética quanto o movimento de mudanças no modo das pessoas pensarem, viverem, conviverem e agirem dentro e fora da instituição. Essa abordagem ecoformativa adotada pela escola se utiliza de um olhar transdisciplinar e criativo que propicia a inquietude e a busca de novas ideias, novos saberes e a solução para os problemas atuais da sociedade que devem começar sendo solucionados em casa, na escola e na comunidade. Para isso, Pukall, Andrade e Silva (2014, p. 231) reforçam que “[...] é necessário formar indivíduos autônomos, pensantes, questionadores, críticos e criativos, favorecendo o desenvolvimento intelectual, social e afetivo de cada um deles”. As autoras destacam, ainda, que “a escola tem um papel fundamental na formação de cidadãos criativos e comprometidos, que possam identificar problemas da realidade e solucioná-los por meio que aprendem na escola” (PUKALL; ANDRADE, SILVA, 2014, p. 240).

Essa escola voltou a ser mencionada no ano de 2016 no - Dossiê: Escolas Criativas<sup>4</sup> - organizado pelos por três membros da Rede: Maria José de Pinho (UFT) Marilza Vanessa Rosa Suanno (UFG, UEG) e João Henrique Suanno (UEG). Os olhares agora são das pesquisadoras

2 - Escola como espaço de ciência com consciência: iniciativas transdisciplinares e escolas criativas.

3 - Para conhecer melhor as estratégias inovadoras adotadas pela escola consultar a terceira seção do livro: SCHROEDER, Edson; SILVA Vera Lúcia de Souza (org.) Novos Talentos – processos educativos em ecoformação. Blumenau, SC: Editora Legere, 2014.

4 - Dossiê: Escolas Criativas. Polyphonia, Revista de Educação Básica do Cepae – UFG, v. 27/1, jan./ jun. 2016.

Daniela Tomio (RIEC); Graciele Alice Carvalho Adriano (professora da rede municipal de Blumenau), Vera Lúcia de Souza e Silva (coordenadora RIEC – FURB) que apresentam novas reflexões sobre as mudanças nas concepções e práticas adotadas pela escola em um capítulo intitulado - (Com)viver em espaços de uma escola sustentável e criativa.

As escolas criativas estão atentas às necessidades presentes do século XXI, estimulando valores, consciência e criatividade (TORRE; ZWIEREWICZ, 2009 *apud* TOMIO; ADRIANO; SILVA, 2016). As escolas sustentáveis também estão imbuídas desses princípios.

Estas preconizam o discurso e atitude na perspectiva de estimular o conhecimento, compromisso e participação efetiva da comunidade escolar, a responsabilidade e o exercício consciente da cidadania, o diálogo, empatia, companheirismo, apoio, interação e senso de coletividade. Trazem em seu cerne aspectos que se relacionam e se complementam entre o cuidado, integridade e diálogo [...] (TOMIO; ADRIANO; SILVA, 2016, p. 368).

A EBM Visconde de Taunay é um exemplo concreto que a escola tem o potencial de construir e reconstruir permanentemente o conhecimento a favor da melhoria da vida dentro e fora da instituição, pois seu projeto formativo não contempla somente aos alunos, ele transpõe os muros da escola e chega aos pais e à comunidade que passam a comungar dos ideais, como a questão da sustentabilidade. “[...] Isto fica claro no depoimento de uma mãe de aluno ao declarar que: *a partir da iniciativa da escola nossos filhos trazem bons exemplos e nos incentivam a sermos sustentáveis* [...] (PUKALL; ANDRADE, SILVA, 2014, p. 241- grifos dos autores).

Em 2015 em outra obra organizada Maria José de Pinho (UFT) Marilza Vanessa Rosa Suanno (UFG, UEG) e João Henrique Suanno (UEG) é apresentado um outro projeto<sup>5</sup>. Trata-se de um trabalho desenvolvido pela Escola Estadual de Tempo Integral João Lobo Filho<sup>6</sup>, situada na cidade de Inhumas, Goiás, Brasil. O projeto foi apresentado no capítulo - Escola Sustentável e Feira de Ciências<sup>7</sup>: reflexões e ações em torno da fabricação de sabão artesanal -, das pesquisadoras Lindalva Pessoni Santos e Marilza Vanessa Rosa Suanno que analisam que trata-se de um trabalho transdisciplinar que estabelece relações culturais, ambientais, econômicas e tradicionais considerando o contexto histórico e o estilo de consumo predominante no século XXI. Assim como apresenta discussões sobre sustentabilidade e cidadania planetária responsável (SANTOS, SUANNO, 2015).

O projeto supracitado<sup>8</sup>, desenvolvido no ano de 2012, contribuiu para que a escola fosse se apropriando dos princípios da sustentabilidade e tornar-se referência no município em ações dessa natureza. Em 2013, essa escola implantou o segundo Projeto: A reutilização do óleo de cozinha na fabricação do sabão artesanal e as implicações para o meio ambiente - que teve o objetivo de incentivar a produção de sabão artesanal com reutilização do óleo de cozinha como forma de minimizar os danos a natureza causados pelo seu descarte nas redes de esgoto no município de Inhumas. Nesse ano a escola participou do: I Concurso de Escolas Sustentáveis - e ficou em terceiro lugar.

Ainda no ano de 2013, a escola estabeleceu parceria com a Universidade Estadual de Goiás, na pessoa da professora e pesquisadora Marilza Vanessa Suanno e desenvolveu outros três importantes projetos - Água: fonte da vida (2013); Cidades sustentáveis: por uma Inhumas sustentável (2014); Escola sustentável, práticas sustentáveis (2015). Estes projetos<sup>9</sup>

5 - O livro PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique (orgs.). *Projetos criativos na prática pedagógica: cantar e encantar a aprendizagem* - Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico, 2015, traz 12 outros projetos criativos que inspiram a sonhar com uma outra educação.

6 - A escola deixou de ser tempo integral em 2019 e municipalizou em 2020.

7 - Esse Projeto foi apresentado, em 2014, no VI INCREA, Fórum Internacional de inovação e criatividade, na Universitat de Barcelona, na modalidade comunicação, intitulada: Essa é uma história de uma Feira de Ciências (SANTOS; SUANNO, 2014).

8 - O tema da Feira - Fabricação de sabão artesanal: a que pé anda esta questão em pleno século XXI, na cidade de Inhumas?

9 - Para maiores informações consultar: SANTOS, Lindalva Pessoni; NASCIMENTO, Cláudia do; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. *Estágio transdisciplinar: outra formação, outra educação, outro ensino, outra aprendizagem.*

fizeram com que, cada dia mais, a escola percebesse que deve estar comprometida com sua comunidade e buscar transpor os limites da sala de aula objetivando superar os problemas que vão sendo gestados em seu contexto histórico (SANTOS; SUANNO, 2015).

A partir de 2014, a Escola João Lobo Filho passou ser posto de coleta de diversos materiais como plásticos, papéis, alumínio, ferros, roupas, calçados, bijuterias, além do óleo de cozinha usado. Essa ação beneficiava tanto o meio ambiente, ao promover a coleta seletiva e evitar o descarte inadequado, quanto a escola, que vendia o material para grupos que reciclavam tais materiais. Alguns objetos eram transformados em artesanato e promovia-se bazar com o intuito de estreitar laços com a comunidade como também arrecadar dinheiro em prol melhorias na escola. Outra instituição beneficiada com a coleta era um hospital de referência no tratamento do câncer em Goiânia, que recebia os papéis coletados e revendiam para arrecadar dinheiro para ampliar o atendimento aos pacientes. Além da fabricação de sabão caseiro com o óleo usado, doado pela comunidade escolar, a escola passou a fabricar detergente, desinfetante e água sanitária, tornando-se autossuficiente em produtos de limpeza, o que representou uma economia mensal de mais de 40% com o custo desses materiais de limpeza.

Por que retomar, neste trabalho, essas experiências que já foram publicadas em livros, periódicos, apresentados em diferentes eventos? Como elas podem contribuir para ajudar a refletir sobre o momento presente e a crise de sentido da escola, da educação, do conhecimento, da ciência e de um possível extermínio do planeta (Gadotti, 2003)?

Atualmente com novas situações postas, sobre o que temos enfrentado e ainda podemos enfrentar (...), traz a urgência de pensar coletivo em favor do planeta, de iniciarmos o nosso papel de cidadãos planetários. (...). A percepção de que se nada for feito, inúmeros seres humanos e não humanos podem deixar de viver aqui, por falta suporte natural, está posta [...] (SALLES; MATOS, 2016, p. 211).

Para Mendes Neto (2019, p. 42) polinizar essas experiências pode “contribuir para a reformulação dos processos de construção do conhecimento e das práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições de ensino”.

Como último exemplo de projetos e/ou escolas transdisciplinares e criativas evidenciamos duas pesquisas que resultaram na certificação da Escola Casa Verde<sup>10</sup>, Aparecida de Goiânia, Goiás, pela RIEC, em julho de 2019, como escola criativa e inovadora. A escolha da instituição como campo do Projeto de Pesquisa<sup>11</sup> - Escola Criativas e inovadoras - e como objeto de investigação de uma dissertação de mestrado<sup>12</sup> intitulada: Práticas pedagógicas criativas e transdisciplinares: Escola Casa Verde – aprendendo com os pássaros (MENDES NETO, 2019) se deu porque a escola destoa de uma perspectiva tradicional de ensino que rompe com a fragmentação, descontextualização e linearidade do pensamento. Trata-se de uma escola<sup>13</sup> que prima por uma educação em que as crianças e a comunidade possam exercer uma cidadania plena, com espírito investigador e crítico, capazes de resolver situações que surgirem na vida

Polyphonia, Revista de Educação Básica do Cepae – UFG, v. 27/1, jan./ jun. 2016. p. 455 a 474.

10 - A escola faz parte do Dossiê Escolas Criativas. ABREU, M.C.; LIMA, E.M.; LIMA J.B. Casa Verde: do plantio à colheita – pedagogia no quintal. Polyphonia, Revista de Educação Básica do Cepae – UFG, v. 27/1, jan. / jun. 2016. P 299 a 314.

11 - O projeto original é da professora Marilza Vanessa Rosa Suanno que o coordenou de 2013 a 2015. Este foi transferido para a professora Lindalva Pessoni Santos, UEG, UnU Inhumas, que o reeditou com período de vigência de 08/2016 a 07/2019.

12. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG-IELT, da Universidade Estadual de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias. Área de concentração: Processos educativos, linguagem e tecnologias Linha de pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias. Orientador: Prof. Dr. João Henrique Suanno.

13 - . A Escola Casa Verde está instalada em uma pequena chácara dentro do perímetro urbano. Está em funcionamento desde 2010. É uma escola particular e atende crianças entre dois e dez anos, da Educação Infantil (EI) e da primeira fase do Ensino Fundamental (EF). O espaço físico da escola foi sendo criado de modo que preservasse as espécies que já existiam; os espaços verdes são considerados como laboratórios que fomentam a construção do conhecimento, de valores e de cuidado com o meio natural; a arquitetura se utiliza de bioconstrução e materiais de demolição.



cotidiana.

A certificação dessa escola é resultado de dois anos de pesquisas que incluem observações, entrevistas, questionário ao grupo gestor, professores e pais, análise documental (Projeto Político Pedagógico, Projetos de Trabalho, Dossiês) e aplicação do instrumento de coleta de dados VADECRIE<sup>14</sup>. Este amplia as várias dimensões que perpassam uma percepção transformadora, criativa e inovadora de educação e formação proposta e desenvolvida pela escola.

Essas pesquisas, permitiram situar<sup>15</sup> a Escola Casa Verde em termos de inovação e criatividade de acordo com o que é estruturado pela RIEC, ou seja, para ser considerada como criativa, a escola deve atingir, positivamente, 60% dos critérios investigados. Nesse caso, a Escola Criativa se destacaria, pelo menos, em seis, dos dez parâmetros.

O projeto formativo da Escola Casa Verde sensibiliza alunos, pais e comunidade a assumirem novas posturas e atitudes frente às questões culturais, sociais, econômicas, ambientais com o intuito de colaborar com o aprimoramento da vida como um todo. Há uma preocupação com a vivacidade do conhecimento em prol de atender as necessidades atuais da sociedade,

Na atualidade, há uma preocupação de um ensino que se desenvolva a partir de uma prática pedagógica criativa e transdisciplinar, que problematize a formação para a vida do ser humano nos vários ambientes em que participa. Nesse sentido, surgem questionamentos sobre as práticas pedagógicas e os valores nelas embutidos, como ética, cidadania, afetividade, respeito às diferenças, cuidado para com o meio ambiente, abertura à criatividade, entre outros que surgem como necessários na formação dos indivíduos para o Séc. XXI (MENDES NETO, 2019, p. 58 e 59).

De acordo com Santos, Suanno, Mendes Neto (2019) os alunos, pais e comunidade dessa escola são incentivados a desenvolver a investigação, a reflexão e a criação de possíveis soluções para problemas presentes no meio em que estão inseridas. Essa formação possibilita que pensem a realidade local e sua conexão com o global, assim, enfrentem tais problemas e atuem na sociedade mediada por uma cidadania crítica e consciente.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a Escola Casa Verde defende uma proposta em que não se perca de vista as questões relacionadas à natureza, à sociedade e os valores humanos. Apresenta como princípio uma educação sensível, solidária e colaborativa por meio de reflexões diárias sobre a realidade local. Ao mesmo tempo, faz conexões com as questões globais. O intuito é conscientizar não só os alunos, mas a comunidade escolar que pequenos gestos, como a coleta seletiva, o sistema de compostagem, a reutilização de objetos, o consumo consciente, o cuidado de si, o cuidado com o outro e com a natureza podem resultar em ações positivas que contribuirão para a solução de muitos problemas que assombram a humanidade em relação ao esgotamento dos recursos naturais e os conflitos sociais, étnicos e religiosos (SANTOS, SUANNO, MENDES NETO, 2019, p. 33 e 34)

14 - O VADECRIE foi elaborado pelo professor Saturnino de la Torre, da Universidade de Barcelona (2012), e validado com a tese de doutorado do professor João Henrique Suanno (2013). A fim de identificar escolas criativas foram definidos como parâmetros no VADECRIE (TORRE, 2012b) dez categorias: a) liderança estimuladora e criativa; b) professor criativo; c) cultura inovadora; d) criatividade como valor; e) espírito empreendedor; f) visão transdisciplinar e transformadora; g) currículo polivalente; h) metodologia inovadora; i) avaliação formadora e transformadora; j) valores humanos, sociais e ambientais. Cada uma das categorias é subdividida em 10 indicadores. Ele foi respondido pelo grupo gestor, professores e pais da Escola Casa Verde.

15 - Para conhecer os resultados obtidos consultar: SANTOS, Lindalva Pessoni; SUANNO João Henrique; MENDES NETO, Oscar Ferreira. ESCOLAS CRIATIVAS E INOVADORAS: a resignificação do papel da escola, do conhecimento e da formação humana. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 15 – PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (orgs) da Coletânea. OLIVEIRA, Aroldo Magno de (Org. Geral/Ed.). Niterói, RJ, novembro de 2019. p. 63 a 78.

O trabalho desenvolvido na escola é estruturado, inicialmente, a partir das experiências, das vivências, dos questionamentos levantados tanto pelas crianças, quanto pelos professores. Parte-se, primeiro, da experimentação e das indagações em torno dos conhecimentos que se deseja construir e, paulatinamente, os conceitos são elaborados como forma de agregar também valores como autonomia, respeito ao bem comum, ao meio ambiente, responsabilidade e sensibilidade em relação às questões ambientais, sociais, culturais.

Diante dessas premissas, considera-se os processos educacionais desenvolvidos pela Escola Casa Verde a partir de uma epistemologia, de uma metodologia e de uma ontologia que religue os saberes já existentes de forma transdisciplinar e criativa, permitindo o experimentar e o vivenciar de novas ações, ampliando os sentidos existentes. Tais práticas transformam a forma como o conhecimento é desenvolvido, considerando que este vai além da simples reprodução dos conteúdos, mas permite experienciar tais saberes, resignificando-os (MENDES NETO, 2019, p. 66).

Essa escola explora os conhecimentos fazendo a conjunção de valores humanos, sociais e ambientais; valoriza as emoções, os sentimentos, a responsabilidade consigo, com o outro e com o planeta; exalta a todo instante, mas principalmente na roda de conversa, o valor da amizade, da solidariedade, da partilha, como forma de celebrar a vida. A filosofia defendida é a de que as discussões e os saberes devem ser vividos nas práxis do dia a dia, considerando as relações entre a criatividade e a tradição, o natural e o artificial, a ciência e a poesia, conhecimento e a vida (MENDES NETO, 2019).

É possível descrever a escola como um laboratório vivo, que possibilita investigar, refletir temas emergentes e buscar ações e práticas transformadoras em prol da coletividade (...). A organização curricular, está alinhada com essa perspectiva pois, objetiva formar pessoas conscientes e atuantes capazes de desencadear mudanças neste cenário de degradação ambiental, de insegurança e de banalização da vida em todas as suas dimensões (SANTOS; SUANNO; MENDES NETO, 2019, p. 43).

A Escola apresenta atributos em suas práticas educativas em que predomina uma relação viva, ética, fraterna entre os sujeitos e a natureza. Seu trabalho prioriza a relação entre os saberes científicos, culturais, espirituais, o meio ambiente e a vida.

## Considerações Finais

Anda, quero te dizer nenhum segredo  
Falo desse chão da nossa casa  
Vem que tá na hora de arrumar

Vamos precisar de todo mundo  
Um mais um é sempre mais que dois  
Para melhor construir a vida nova  
É só repartir melhor o pão  
Recrutar o paraíso agora  
Para merecer quem vem depois (GUEDES, 1981).

A maioria das escolas, mesmo depois de tantas transformações nas últimas décadas, possuem um formato organizacional ainda tradicional e não corresponde às demandas atuais. São instituições que estão presas a uma prática pedagógica que fragmenta o conhecimento, em que os saberes estão desconexos uns dos outros e que, em grande parte, apenas os saberes cientificamente sistematizados são considerados, porém sem impactar mudanças no modo de pensar, ser, viver e conviver das pessoas. “[...] Os processos educativos devem acompanhar o desenvolvimento das sociedades para que o conhecimento não limite a reprodução de informações sem significado real para as pessoas [...]” (MENDES NETO, 2019, p. 131).

Pensar em uma outra perspectiva a ser assumida pela escola, pelo ensino, pela ciência, pelo conhecimento em prol da vida se faz necessária e urgente. Esse é um dos objetivos trazidos nesse trabalho ao compartilhar projetos, iniciativas e escolas que apresentam novas concepções e práticas que contribuem para transformar as pessoas, os processos escolares e a realidade social, ambiental, econômica local em conexão com o global.

Os projetos e as escolas que destacamos nesse estudo rompem com padrões e modelos que se perpetuaram no decorrer dos tempos; passaram por uma ruptura de paradigma de modo que os saberes são articulados à vida, valorizam as experiências realizadas no percurso de construção e reconstrução do conhecimento, consideram a multirreferencialidade no decorrer do processo; conduz a novas relações para com o planeta, com a sociedade e com o indivíduo, promove valores humanos, culturais, ambientais e de respeito e colaboração entre as pessoas.

Nesse sentido, por meio de um olhar transdisciplinar e criativo, essas ações empreendidas colaboram para uma formação crítica e socialmente ativa dos alunos, pais e comunidade, com possibilidades de inferir mudanças em prol do bem comum.

## Referências

AZEVEDO, Ricardo. Sobre viajar, educar e sonhar. In: MACHADO, Ana Maria *et al.* **Cinco atitudes pela educação**. São Paulo, Editora Moderna, 2014.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis**: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente. Elaboração de texto: Tereza Moreira. Brasília, 2012.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Nova Hamburgo, RGS: Feevale, 2003.

GUEDES, Beto. LP/CD. **Sol de primavera**. Gravadora: EMI-Odeon. 1979.

\_\_\_\_\_. O Sal Da Terra. CD. Gravadora: EMI. 1981.

LIBÂNEO, José Carlos. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (orgs) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade** Campinas: SP: Editora Alínea, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade e educação**. Rizoma Freireano. Vol. 6, 2010.a

\_\_\_\_\_. Complexidade e currículo: por uma nova relação. **Pólis**. Revista de la Universidade Boliviana, Volumen 9, nº 25, 2010b, p. 289-311.

\_\_\_\_\_. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique (orgs). **O pensar complexo na educação – sustentabilida-**

de, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MATURANA R., Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MENDES NETO, Oscar Ferreira. **Práticas pedagógicas criativas e transdisciplinares: Escola Casa Verde – aprendendo com os pássaros**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) – PPG-IELT, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis, 2019.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **O pensar complexo de Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2 ed. 2000.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. - 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PUKALL, Jeane Pitz; ANDRANDE, Roseli de; SILVA, Vera Lúcia de Souza e. Escola sustentável e rede de escolas criativas: pareceria entre escola e universidade. In: SCHROEDER, Edson; SILVA Vera Lúcia de Souza (org.) **Novos Talentos – processos educativos em ecoformação**. Blumenau, SC: Editora Legere, 2014.

NAVARRA, Joan Mallart i. Ecoformação e Transdisciplinaridade: fundamentos para elaboração de um currículo do século XXI em uma didática humanista. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; RAJADELL, Núria Puiggròs (Org.). **Didática e formação de professores: perspectivas e inovações**. Goiânia: CEPED Publicações e PUC Goiás, 2012.

PETRAGLIA, Izabel. Educação Complexa para uma nova política de civilização. **Educar**, Curitiba, p. 29-41, 2008. UFPR.

SALLES, Virgínia Ostroski; MATOS, Eloiza Aparecida Avila de. Pensamento complexo e transdisciplinar: em busca da legitimidade a partir do decálogo proposto para a área. In: **Polyphonia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do CEPAE, UFG, v. 27, n.1, jan/jun.2016 p. 209-219

SANTOS, Akiko. Complexidade e Transdisciplinaridade na Educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. In: SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo. **Revista Brasileira de Educação**.v.13, n.37, jan./abr., 2008.

SANTOS, Lindalva Personi Santos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Escola Sustentável e Feira de Ciências: reflexões e ações em torno da fabricação de sabão artesanal, PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique (orgs.). **Projetos criativos na prática pedagógica: cantar e encantar a aprendizagem** - Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico, 2015.

SANTOS, Lindalva Personi; SUANNO João Henrique; MENDES NETO, Oscar Ferreira. **Relatório de Pesquisa** - Escolas criativas e inovadoras. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Inhumas, 2019. 57p.

SUANNO, João Henrique. Por que uma escola criativa? In: **Polyphonia** – Revista do Programa

de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do CEPAE, v. 27, n.1, jan/jun.2016. p.81-97

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. 493p. Tese (doutorado), UCB, Brasília.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; TORRE, Saturnino de la; SUANNO, João Henrique. Rede Internacional de Escolas Criativas. In: PINHO, Maria José; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique. **Formação de professores e interdisciplinaridade: diálogo investigativo em construção**. Goiânia: América, 2014, p-15-33.

TOMIO, Daniela; ADRIANO, Graciele Alice Carvalho; SILVA, Vera Lúcia de Souza e. Com (viver) em espaços de uma escola sustentável e criativa. **Polyphonía**, v. 27, n.1 jan/jun. 2016, p. 367-391.

TORRE, Saturnino de la. **Instituciones Educativas Creativas**. Sitges: Editorial Círculo Rojo – Investigación, 2012.

TORRE, Saturnino de la. Visita a la Escola Visconde de Taunay: uma experiencia crativa. In: SCHROEDER, Edson; SILVA, Vera Lúcia de Souza (org.) **Novos Talentos – processos educativos em ecoformação**. Blumenau, SC: Editora Legere, 2014.

Recebido em: 05 de abril de 2021.

Aceito em: 15 de abril de 2021.